

ENCONTROS E CONFRONTOS DA DIFERENÇA NO ESPAÇO ESCOLAR – A PRÁTICA COMO ALIADA NA REFLEXÃO DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES–PESQUISADORES

ROBERTA SALES LACÊ ROSÁRIO (INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA / CAP - UERJ).

Resumo

Vivenciando o espaço escolar como um espaço multi/intercultural (Candau, 2006), um lugar de diálogo e interlocução de diferentes modos de ser, pensar e agir dos atores escolares, o que inclui docentes, discentes e outros agentes envolvidos no processo ensino–aprendizagem, proponho uma reflexão acerca das questões relacionadas às diferenças que docentes enfrentam no cotidiano escolar e que suscitam diferentes questionamentos sobre a sua própria prática pedagógica. No interior da pesquisa “Constituir saberes didáticos para lidar com a diferença na escola – operando com a noção de jurisprudência pedagógica”, desenvolvida pelo “Grupo de Pesquisa Formação em Diálogo: Narrativas de Professoras, Currículo e Culturas” – GPFORMADI, detenho–me às situações de produção e reprodução das relações de poder presentes no currículo da escola. Relações essas que anunciam uma violência simbólica, ou um poder que chega a impor significações e ao impô–las como legítimas, simula as relações de força que estão na base de sua força. (Cf. Bourdieu e Passeron, 1975: 19). Percebemos o currículo escolar como um “lugar” de diferentes práticas pedagógicas, constituído de diferentes “narrativas explícitas ou implícitas que corporificam noções particulares sobre conhecimento” (Da Silva, 2005:195). Nesta comunicação, direciono o meu olhar para as questões relacionadas ao meu próprio processo de formação e constituição como professora–pesquisadora frente aos desafios postos pela dinâmica dos relacionamentos no cotidiano escolar, considerando a vivência de campo proporcionada pelo estágio voluntário de pesquisa numa escola pública localizada na zona norte do Rio de Janeiro. A partir da experiência vivida, defendo a pertinência da prática de pesquisa na formação inicial e continuada de professoras.

Palavras-chave:

Cotidiano escolar, Formação continuada, Violência simbólica.

"Está na incompletude a energia geradora da busca da completude eternamente inconclusa. E como incompletude e inconclusão andam juntas, nossas identidades não se revelam pela repetição do mesmo, do idêntico, mas resultam de uma dádiva da criação do outro que, dando-nos um acabamento por certo sempre provisório, permite-nos olharmos a nós mesmos com seus olhos".

(Geraldi, 2003)

Introdução

Vivenciando o espaço escolar como um espaço de diálogo e interlocução de diferentes modos de ser, pensar e agir dos atores escolares, o que inclui docentes, discentes e outros agentes envolvidos no processo ensino-aprendizagem, proponho uma reflexão acerca das questões relacionadas às diferenças que docentes

enfrentam no cotidiano escolar e que suscitam diferentes questionamentos sobre a sua própria prática pedagógica.

No interior da pesquisa "Constituir saberes didáticos para lidar com a diferença na escola - operando com a noção de jurisprudência pedagógica", desenvolvida pelo "Grupo de Pesquisa Formação em Diálogo: Narrativas de Professoras, Currículo e Culturas" - GPFORMADI, detenho-me às situações de produção e reprodução das relações de poder presentes no currículo da escola. Relações essas que anunciam uma violência simbólica, ou um poder que chega a impor significações e ao impô-las como legítimas, dissimula as relações de força que estão na base de sua força. (Cf Bourdieu e Passeron, 1975: 19)

Acreditamos que o currículo escolar é um espaço, não um espaço físico de conteúdos, mas um espaço de práticas pedagógicas, constituído de diferentes "narrativas explícitas ou implícitas que corporificam noções particulares sobre conhecimento" (Da Silva, 2005:195), o que nos permite discutir à luz das questões culturais e de poder, os saberes e práticas privilegiadas na escola.

Neste artigo, direciono o meu olhar para as questões relacionadas ao processo de formação e constituição do sujeito-pesquisador frente aos desafios postos pela dinâmica dos relacionamentos no cotidiano escolar. Evidenciando o processo de participação e pesquisa em campo como fundamental ferramenta para a formação enquanto professor/a pesquisador/a, nos exige assumir a posição de sujeito indagador e questionador da própria prática cotidiana.

De fato, a diversidade cultural presente no ambiente escolar proporciona o desenvolvimento dos sujeitos em meio à multiplicidade de experiências compartilhadas, porém, quando a diferença entre os indivíduos não é respeitada pode se tornar produto de atitudes discriminatórias e sexistas.

Por isso, buscamos um melhor entendimento sobre os diferentes posicionamentos de professores/as frente às situações de conflitos declarados e não declarados, como o *bullying*, entendido aqui como atos frequentes de opressão, tirania e agressão dentro e fora da sala de aula entre os seus alunos/as. Precisamos reconhecer que somos sujeitos culturalmente constituídos no que se refere às questões subjetivas de cada um de nós em relação ao "outro".

Os embates vividos no cotidiano escolar entre alunos/as, interferidos ou não pelos professores/as, evidenciam comportamentos inadequados que acarretam prejuízos de modo geral no desenvolvimento e aprendizagem dos mesmos e que nos convida a pensar sobre quais os tipos de relações estão se constituindo dentro da escola.

Para tal, a análise a partir da vivência em campo proporcionada pelo estágio voluntário em uma escola pública localizada na zona norte do Rio de Janeiro, no período de Julho a Outubro de 2007 auxiliará na discussão enquanto formação continuada dos professores/as e pesquisadores/as, considerando a reflexão da prática cotidiana como objeto de constituição do conhecimento entre os indivíduos.

Escola como espaço de encontro e confronto

O desafio de lidar com a diferença cultural no espaço escolar provoca também diferentes sentimentos e reações, positivas e negativas, tanto nos professores/as quanto nos alunos/as. A escola, integrante de nossa sociedade atual, historicamente constituída, espaço multi/intercultural (Candau, 2006), dialoga com diferentes identidades, culturas, sujeitos que direta e indiretamente estão envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

O espaço escolar está no centro de toda uma dinâmica de relações sociais e culturais, imposições e desigualdades. À medida que a escola se torna um ambiente de reflexo das desigualdades postas à sociedade, também possibilita que essas desigualdades se realcem e se multipliquem, estabelecendo e estreitando práticas com a violência que está fora dos muros escolares. Assim, as teorias da reprodução social apontadas por Da Silva (2005), nos mostram que *"a distribuição desigual do conhecimento, através do currículo e da escola, constituem mecanismos centrais do processo de produção e reprodução de desigualdade social"*.

A escola ao ignorar que o acesso às culturas não se dá da mesma maneira para todos os seus alunos, contribui para esta desigualdade.

As culturas silenciadas na escola, segundo Santomé, são um dos motivos que distanciam a cultura escolar da cultura de origem dos seus alunos.

"As culturas ou vozes dos grupos sociais minoritários e/ou marginalizados que não dispõem de estruturas importantes de poder costumam ser silenciadas, quando não estereotipadas e deformadas, para anular suas possibilidades de reação". (Santomé, 1995:161).

Os discursos que circulam nas escolas entre os educadores, os alunos, também podem denunciar algumas práticas de violência simbólica, entendida sob a perspectiva de Bourdieu (1999) como: *"violência suave, insensível as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento"*. Como nos afirma Bakhtin (1988), *o discurso é carregado de subjetividade*. O que para alguns é uma simples palavra e pode não ter um significado agressivo ou violento, para outros, pode carregar, ocultamente, uma série de significados negativos ou agressivos. Cada pessoa reage diferentemente às situações de violência, de acordo com suas experiências particulares com a violência.

"Nos estabelecimentos de ensino, a violência não é vivenciada apenas como atos de agressividade, e sim como o modo habitual e cotidiano de relacionamento, de tratamento do outro. Desta forma, o fenômeno passa a ser institucionalizado, comum, banalizado, caracterizando formas de agressão que, muitas vezes, são invisíveis aos olhos da comunidade escolar". (Abramovay, 2007:2).

Podemos observar que o desdobramento de algumas práticas discriminatórias na escola se dá pelo fato de não haver o devido respeito às singularidades e particularidades dos sujeitos. Percebe-se que existe uma relação tensa entre os sujeitos e os seus diferentes posicionamentos culturais quanto ao outro.

Por outro lado, quando professores e professoras, homens e mulheres, estão diante de situações supostamente agressivas, tendem a avaliar diferentemente um do outro, mais claramente, observam e julgam conforme os determinantes culturais. Segundo Fernandez (1992), a mulher está predisposta a considerar agressivos atos que não o são.

Na verdade, professoras e professores, correspondendo a uma predisposição em seus julgamentos a cerca de identidade de gênero, ou não, tendem a compreender situações violentas ou agressivas de forma diferente. Todos, com seus diferentes papéis, com suas diferentes identidades, assumem posicionamentos e reagem diferentemente diante de situações violentas. Nossa bagagem cultural, nossas experiências nos faz interpretar e interagir com os fatos de modos diferentes. (Cf. Clementino 2006: 11).

O cotidiano da sala de aula enquanto objeto de reflexão

A experiência de vivenciar as atividades rotineiras de uma turma, por vezes até mesmo ser responsável ao ministrar algum tipo de atividade com os alunos/as faz com que a compreensão de algumas posturas ou caminhos assumidos ou escolhidos pelos professores/as tenha mais clareza e contribua para o desenvolvimento pessoal e profissional do educador/a em formação.

Em sala de aula estamos reagindo e agindo o tempo todo nos relacionamentos conforme nossos determinantes culturais, como já anunciados por Alicia Fernandez (1999), o que nos leva a afirmar o quão são diferentes nossas percepções diante de fatos possíveis indicadores de violência.

Numa turma do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do Rio de Janeiro em que fiz estágio voluntário, presenciei muitas situações agressivas, de violência mútua, em que algumas crianças demonstravam claramente, uma crueldade e uma intencionalidade de ferir, magoar e excluir o colega das atividades, típicas atitudes do fenômeno chamado *bullying*. Fenômeno cada vez mais presente em nossas escolas, públicas e particulares, caracterizado por atitudes de exclusão, agressão física e psicológica, xingamentos, apelidos e ou qualquer outra atitude que possa constranger e ou intimidar o outro, mas que ainda assim, dispensamos pouca atenção.

Segundo a Cartilha do Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre os Estudantes, desenvolvida pela ABRAPIA - Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Criança e à Adolescência o *bullying* passou a ganhar maior atenção e passou a serem aprofundados os estudos em todo o mundo, porque o fenômeno tomou dimensões preocupantes, tanto pelo crescimento de incidentes nas escolas, quanto por atingir faixas etárias cada vez menores, compreendidas nos anos iniciais de escolaridade.

De acordo com a cartilha, a definição do *bullying*:

"Compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder, tornando possível a intimidação da vítima". (2003:17)

O registro de algumas situações vivenciadas em sala de aula durante o estágio na escola pública do Rio de Janeiro pode ilustrar a problemática do *bullying* entre os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental:

Como se dão as escolhas na hora do jogo?

Num dia chuvoso, as crianças chegando à sala de aula aos poucos por conta do trânsito congestionado e lento nas imediações do colégio.

Quando cheguei, as crianças estavam sob os cuidados da inspetora do andar, que deixa a turma sob minha responsabilidade. Somente em caso de algum problema que eu não pudesse resolver sozinha, pediria sua intervenção. Como a professora da turma ainda não havia chegado, alguns alunos/as conversavam em grupinhos e outros liam gibis e livros de contos. Com o tempo, percebi que algumas crianças tinham o costume de chegar, quando antes do início da aula, pegar um livro ou uma revista para ler.

Um dos alunos pediu para jogar o jogo da memória, enquanto esperávamos a professora chegar. Foi então que esticamos a colcha de retalhos no chão para sentarmos e jogarmos.

Para efeito de ambientação, a sala de aula possui mesas e cadeiras dispostas em formato de um grande círculo aberto, tem uma estante cheia de livros, enciclopédias, jogos, inclusive os confeccionados com madeiras e outros tipos de materiais artesanais e revistas em quadrinhos. Um espaço físico consideravelmente confortável e arejado, visto que compartilhado por 20 alunos.

As crianças decidiram jogar em duplas o jogo da memória. Logo começaram: "Eu sou sua dupla, Leandro", "você quer jogar comigo, Fernando?". Quero deixar claro que os nomes aqui citados serão ficcionais para que sejam preservadas as identidades das crianças.

Dois alunos que queriam entrar no jogo estavam sem dupla, Mônica e Denis. A situação seria facilmente resolvida, pois um seria o par do outro. Porém, Mônica se recusou a fazer dupla no jogo com o Denis, dizendo: "Eu não quero mais jogar". Então resolvi perguntar-lhe por que não queria jogar, uma vez que tinha demonstrado anteriormente o desejo de entrar no jogo: -"Não quero pegar idiotice dele porque ele é burro e idiota".

Diante dessa resposta indelicada e pouco amistosa de Mônica, consegui apenas esboçar uma reação de indignação e desconforto, retrucando-lhe: "Mônica, é muito ruim falar uma coisa dessas do seu colega, sabia?", o Denis ouviu o que a sua colega disse calado, com um olhar meio vago e não esboçou nenhuma reação de defesa.

A fala da Mônica ("Não quero pegar idiotice dele porque ele é burro e idiota") nos sugere que há, além de uma intenção de ferir e excluir o Denis, uma preocupação de não fazer companhia ao colega no lugar de indiferença e exclusão que a turma os coloca. Mas, para melhor compreender os motivos que a levam a agir de tal forma é preciso uma intensificação nas investigações.

Outro aluno também tentou entrar no jogo, Renan. Mas, a Mônica também se recusou a fazer dupla com ele. Leandro ainda se manifestou dizendo que ela

deveria fazer dupla com o Renan porque ela gostava dele. Bem, não funcionou e a Mônica preferiu ficar fora do jogo a fazer dupla com os colegas Denis ou Renan.

Como o Denis foi o único que continuou sem dupla e ainda assim com vontade de participar do jogo, eu decidi que participaria do jogo fazendo dupla com ele. Estávamos jogando quando o Gustavo chegou. Foi então que eu dei o lugar para que ele participasse do jogo e fizesse dupla com o Denis, condição que ele aceitou numa boa.

Após algum tempo, a professora Adriana chegou à sala para substituir a professora Cristina. A partir daí, os alunos sentaram em seus lugares e a aula começou com a professora contando-lhes uma história.

Por que a companhia de uns e não de "outros"?

Nesse mesmo dia, após a leitura da história pela professora Adriana, as crianças, estimuladas pela professora, fizeram algumas colocações sobre a história lida. Era uma história que abordava questões sobre o meio ambiente, sobre alguns seres vivos nativos de determinados habitats. As crianças faziam apontamentos fantásticos, de uma sabedoria e propriedade, uma vez que elas já haviam pesquisado sobre o meio ambiente nos livros da biblioteca, solicitadas pela professora Cristina. As crianças socializaram entre os/as colegas da turma as frases que construíram a partir do tema proposto e pesquisado, meio ambiente, na aula anterior. Após a leitura das frases, a professora Adriana pediu que eles/elas se organizassem em duplas para iniciar outra atividade.

Novamente, pude observar que alguns/algumas alunos/alunas, já se organizavam com seus pares de sempre ou faziam os seus combinados, quando era um "grupinho", de que naquele momento um/uma ficaria com o outro/outra e vice-versa. Dessa forma, após os combinados de quem ficaria com quem, dois alunos ficaram sem ser "escolhidos" e estavam sem par para a atividade, Raquel e novamente o Denis.

A princípio, a Vanessa se recusou a fazer a atividade. Vanessa é uma aluna portadora de necessidades especiais, utiliza aparelhos auditivos, pois tem parte da audição comprometida desde o seu nascimento. Porém, chegou ao colégio já semi-alfabetizada, faz leitura labial, apenas com a fala um pouco comprometida, talvez devido à audição também comprometida. Mas, depois de relutar um pouco, resolveu fazer par com Renan que se ofereceu para fazer a atividade com ela. De acordo com a minha percepção, Vanessa não tem nenhum problema em se relacionar com seus/suas colegas de turma. Todos/todas a tratam com muito carinho e respeito.

Voltando para Raquel e Denis, Raquel não queria aceitar fazer dupla com o Denis e nenhum outro/outra aluno/aluna se candidatou a fazer dupla com ele. Já que era uma questão que precisava ser definida para dar início a atividade, a professora Adriana, em meio aos burburinhos e "caras" feias, resolveu que os dois seriam pares um do outro. A decisão da professora não agradou muito a Raquel que não escondia sua insatisfação, por outro lado, Denis não esboçava nenhuma reação de descontentamento, calado estava, calado permaneceu. No intervalo do recreio, a Raquel numa tentativa de mudança de dupla, me pediu, "por favor,", para que a trocasse de dupla. Intrigada com o apelo, indaguei-a sobre o real motivo de não querer fazer a atividade com o colega de turma. A resposta era somente: "- porque não!", "- porque não dá!", "Com ele não!". O que de certo

escondia algum incômodo, algum motivo, que até então, me parecia ser infundado, enfim, por conta de uma recusa insistente do outro enquanto parceiro da atividade e também como colega de turma.

Que tipo de relações estão presente na sala de aula?

Os/as alunos/as estavam sentados em suas mesas fazendo o exercício passado pela professora Cristina no quadro. Eu estava circulando pela sala, auxiliando na resolução dos exercícios quando era solicitada, a professora estava em sua mesa, fazendo algumas anotações. Dois alunos, Mônica e Denis estavam se "estranhando", os dois sentados um ao lado do outro. O Denis reclamando: "- para, me dá, é minha". Mônica rindo debochadamente e dizendo: "- o quê? Não peguei nada".

Como os dois não paravam, resolvi perguntar o que estava acontecendo entre eles. Então o Denis disse que a Mônica havia pegado sua borracha e não queria devolver. A Mônica enquanto isso dizendo que não, não estava com ela. Mas, mesmo assim eu perguntei a Mônica se realmente estava com ela e se estivesse era para devolver ao Denis. Mônica então disse ao Denis: "*Só devolvo a sua borracha se você fizer aquela sua cara de idiota. Vai, vai, faz...*". Mesmo sendo chamada a atenção, Mônica continuava com o ar de deboche e Denis ainda tentou revidar, mas resolveu continuar o seu exercício.

Nos dois episódios expostos aqui entre os alunos Mônica e Denis nos dão pistas de que são alunos envolvidos sempre em situações de conflito. O aluno Denis que aparecem nos três episódios, está sempre sendo "atacado" por um dos seus colegas

As situações expostas ocorridas dentro da sala de aula nos instigam a questionarmos nossas posturas enquanto educadores/as sobre as situações cotidianas de aparente violência que circulam na escola. Uma violência que está no campo das palavras, das representações, das medições de prestígio entre os/as alunos/as.

Neste caso, visivelmente percebemos que tais comportamentos discriminatório e constrangedor entre os alunos, independente do sexo ou condição social nos permite identificar a constante prática de "incivilidades" (Abramovay, 2007) no âmbito escolar. O que perpetua uma prática que ultrapassa os muros escolares, presente nos relacionamentos interpessoais dos indivíduos em nossa atual sociedade.

"A violência entre alunos constrói-se em torno de duas lógicas complementares: de um lado, encenação ritual e lúdica de uma violência verbal e física; de outro, engajamento pessoal em relações de força, vazias de qualquer conteúdo preciso, exceto o de fundar uma percepção do mundo justamente em termos de relações de força. Nos dois casos, o que está em jogo é a construção e a auto-reprodução de uma cultura da violência". (Peralva, 1997:20).

Em conseqüência disso, os relacionamentos interpessoais se constituem através de situações e relações cada vez mais desgastadas, impostas a partir de moldes sociais voluntariamente deturpados por uma cultura da violência.

A problematização do *bullying* na sala de aula entre os/as alunos/as, exemplificada aqui através das três situações presenciadas e relatadas por mim, tem como o objetivo, não tecer julgamentos quanto à prática cotidiana das professoras citadas, mas sim enriquecer e conduzir nossas discussões com vistas à formação de professores/as pesquisadores/as.

Partindo da reflexão para a formação

De acordo com Tardif (2005), a pesquisa em educação e ou sobre o cotidiano escolar deve, necessariamente, ser pensada e posta em prática por sujeitos que fazem parte do ambiente escolar. Segundo seus estudos, os professores/as são, por vezes, desinteressados nos resultados de pesquisas acadêmicas porque estes não condizem com as reais necessidades enfrentadas no dia a dia da sala de aula.

Tomando como ponto de partida a crítica de Tardif (2005:22) sobre a deficiente formação para a pesquisa durante a fase acadêmica, quando explicita: "a formação para a pesquisa durante a graduação ainda é parcial, já que atinge apenas a metade dos professores e se refere, sobretudo, a atividades "passivas"", faz com que questionemos a nossa condição de professor-pesquisador, ainda que em formação inicial, e da nossa própria prática cotidiana.

Essa questão se reflete no nosso dia-a-dia em sala de aula quando não estamos preparados para reagir e agir frente às situações que nos impõem uma tomada de decisão e posicionamento quanto aos diversos momentos de conflito entre os/as alunos/as. E isso nos exige uma (re)avaliação da prática enquanto elemento fundamental para se pesquisar o universo das relações que se constituem no ambiente escolar.

Estamos a todo o momento sendo desafiados a lidar com a diferença na escola, porém, isso nos exige uma sensibilidade particular de cada um de nós para enfrentarmos momentos de tensão entre os/as alunos/as.

Entendemos que essa sensibilidade própria de cada sujeito pré-determina quais as situações terão nossa atenção ou quais os fatos serão considerados e, por conseguinte, terão nossa intervenção.

Nosso olhar, nossas inquietações são elementos motivadores para o desenvolvimento das pesquisas no universo escolar. Mas, a partir da própria prática cotidiana, ainda que seja uma inserção na condição de estágio, temos a possibilidade de aprofundar questões que nos são urgentes. Temos a prática como aliada na nossa própria formação continuada.

"A formação acontece no decurso da vida, vincula-se ao processo de escolarização e mesmo antes, porque não se esgota com a conclusão de um curso, estende-se com o ingresso na profissão, prolonga-se com o processo formativo ao longo da vida pessoal e profissional e amplia-se no cotidiano escolar". (Clementino, 2007:8).

Acreditamos que nos constituímos sujeito-pesquisador com o movimento de questionarmos a nossa condição e ação cotidiana. Esse movimento proporciona

a ampliação e qualificação das nossas percepções, assim como o crescimento profissional.

Conclusão

A multiplicidade de questões que envolvem o "tratamento" adequado às diferenças no espaço escolar nos propõe um olhar mais sensível para as situações de conflito entre os/as alunos/as. Situações essas que a todo instante se revelam como possibilitadoras de posturas discriminatórias e segregadoras.

Somos confrontados no dia a dia com as diferenças particulares do ambiente escolar, mas que exigem de nós posturas adequadas e decisivas em determinadas situações. Porém, somos sujeitos que agimos de acordo com nossas identidades. Identidades essas, que são nossas interlocutoras nos diálogos e embates com o outro.

Estar "no lugar de" professor/a e/ou pesquisador/a possibilita experimentar sensações, poderes e frustrações que são próprias da prática cotidiana. E, certamente, essa prática cotidiana proporciona reflexões e embasa questionamentos que somente os praticantes conhecem e ou percebem.

Acreditamos que problematizar as questões que surgem no cotidiano escolar torna-se imprescindível no movimento de constituir-se professor/a pesquisador/a da sua própria prática cotidiana. Estar "no lugar de" prediz reconhecer e apontar questões que necessitam ser aprofundadas e possivelmente merecedoras de eficazes intervenções.

Na perspectiva de que a escola é um espaço de diálogos entre os diferentes sujeitos, buscamos evidenciar que a prática pedagógica e o fazer docente são facilitadores no desenvolvimento de pesquisas significativas no processo de ensino-aprendizagem.

A partir das vivências durante o período de estágio na escola citada no início do artigo, podemos concluir que a formação de professores/as pesquisadores/as se pontencializa à medida que nos percebemos sujeitos indagadores dos diferentes modos de ser, pensar e agir do outro.

Bibliografia:

ABRAMOVAY, Miriam. Debate: violência, mediação e convivência na escola. Programa Salto para o futuro. TVE Brasil, 2007.

ABRAPIA. Diga não para o bullying. Programa de redução de comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro, 2003.

BAKTHIN, M. Marxismo e filosofia da Linguagem. Rio de Janeiro, HUCITEC, 1988.

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, J. C. A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1975.

CANDAUI, Vera (org.). Educação Intercultural e Cotidiano Escolar. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

FERNANDEZ, Alicia. Agressividade, qual o teu papel na aprendizagem? In: GROSSI, E. & BORDIN, J (Orgs.) A Paixão de aprender. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

GERALDI, João Wanderley. A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. In: Ciências Humanas e Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003.

PERALVA, A Escola e violência nas periferias urbanas francesas. In: Contemporaneidade e Educação. Revista semestral de Ciências Sociais e Educação, ano II, n.2, Rio de Janeiro: IEC, 1997.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas do currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Alienígenas na sala de aula. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Currículo e identidade social: Territórios contestados. In: Alienígenas na sala de aula Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SOUZA, Eliseu Clementino. Histórias de vida e formação de professores. Programa Salto para o Futuro. TVE Brasil, 2007.

TARDIF, Maurice. Difusão da pesquisa educacional entre profissionais do ensino e círculos acadêmicos. Cadernos de pesquisa, v.35, n.125, p.13-35, maio/ago.200